

WORECÛ – A SIMBOLOGIA DO RITUAL NO CORPO DA MULHER TIKUNA

Artemis de Araújo Soares*

Resumo: A ênfase deste trabalho está centrada no ritual de passagem da *Worecu*, mais conhecido como festa Moça Nova, que ocorre após a primeira menstruação da menina das tribos Tikuna, o maior grupo indígena brasileiro localizado na área de fronteira entre o Brasil, o Peru e a Colômbia. Da recolha etnográfica feita entre a população visitada, notadamente as crianças, os professores, os capitães das comunidades indígenas Tikunas e os informantes tidos como privilegiados, ou seja, os mais antigos e conhecedores da história do seu povo podemos concluir que a nossa sociedade e a sociedade Tikuna apresentam certos pontos de convergências no que se refere ao destaque dado ao corpo nas suas principais manifestações, naturalmente com objetivos diferenciados, o que nos permite afirmar que o corpo contém uma linguagem específica, que precisa ser decodificada.

Palavras-chave: Ritual, Corpo, Tikuna.

O Ritual da Moça Nova, a Festa mais importante dos índios Tikuna, é um ritual de puberdade, que corresponde aos denominados Ritos de Passagem. A noção de ritos de passagem começou por ser um estudo da antropologia social. Descrescia o processo ritual a que o indivíduo se sujeitava ao passar de um estatuto social para outro, como por exemplo, a entrada de um jovem no mundo adulto ou a passagem do estado de mulher casada ao de mãe.

O termo Rito de Passagem denota a vida humana como processo. Ela é compreendida como fazendo parte de um ciclo, integrado no cosmo. Cada vida é um ciclo completo, dividida em ciclos menores que se abrem e se fecham até o desenlace final. As sociedades "primitivas" marcaram com contundência os ciclos da vida de cada um dos seus membros. Hoje, esse procedimento tem rareado. Nestas sociedades, as delimitações ciclo a ciclo são manifestações religiosas. Estes são momentos de uma religiosidade profunda, nos quais o povo revive as suas origens: os mitos e contos da cerimônia de iniciação feminina denominada (*Yuu e tséga*), conhecida também com o nome de "Festa da Pelação" na Colômbia, ou "Festa da Moça Nova" no Brasil é entre os Tikuna (Amazônia Brasileira), o ritual de celebração mais importante e emotivo, uma vez que através dele se fundamenta grande parte de sua visão de mundo e sua ordem social. Sentimento que, pese a situação de perda cultural, ainda sobrevive¹.

Deve-se ao antropólogo belga Arnold van Gennep a utilização do termo Rito de Passagem em 1908, quando publicou um estudo referente a algo que intitulou *Rites de Passage*. Van Gennep pertencia a um grupo de antropólogos famosos, entre eles os franceses Emile Durkheim e Marcel Mauss, cujo trabalho sobre rituais e crenças foi de importância crucial para o estudo da antropologia e sociologia das religiões. O trabalho de van Gennep teve como ponto de partida o desejo de interpretar os atos humanos inserindo-os num contexto social alargado, e não

* Universidade Federal do Amazonas.

¹ Seguiremos atentamente as compilações de Hugo Armando Camacho González, em *Maguta, la gente pescada por Yoi*, Colômbia: Prêmios Nacionales de Cultura/Colcultura, 1995; nossas próprias observações em campo e as observações de Curt Nimuendaju, *Os Tikuna*, tradução livre, Benjamin Constant, s/d.

enquanto demonstrações isoladas de comportamentos mais ou menos bizarros². O que pretendia Gennepe, na verdade, era ultrapassar a visão de primeira impressão divulgada pelos primeiros escritos sobre os povos "exóticos". O contato com estas culturas gerou um grande impacto e para quem olhava do exterior, o que via era um aglomerado confuso, era um comportamento bizarro. Os Ritos de Passagem, compreendidos por van Gennepe, até antes da sua elaboração, podiam assim ser vistos. Segundo Davies, quando este antropólogo avançou com o conceito de Ritos de Passagem, ele acreditou ter descoberto a peça que faltava para a compreensão do comportamento humano, pelo menos no que se referia à área da mudança de estatuto social. Esta área, é olhada com respeito, com preocupação e vista como primordial pelas tribos ou nações indígenas que a creditavam como fundadora. O termo fundadora é utilizado como princípio, origem, como é observado entre os índios Tikuna.

Para formular a teoria dos Ritos de Passagem, van Gennepe recorreu à análise comparativa e à interpretação dos ritos, a fim de apreender as mudanças de estatuto, ocorridas nas sociedades humanas. Assim sendo, como hoje tem sido feito, essa teoria pode ser aplicada, com as devidas orientações e limitações, a qualquer sociedade humana, pois a idéia de ciclo mesmo numa sociedade que adotou uma temporalidade linear, é permitida. A vida é feita de ciclos e a passagem de um ciclo para outro, ou seja, quando um se fecha, deixa a sua substância para o que o sucede. Neste pequeno, mas de imensurável profundidade momento de confusão e de indefinição, é vivido o ritual.

Para a nossa análise, vamos utilizar a divisão proposta por van Gennepe, de que o processo ritual divide-se em três ritos: primeiro, a separação do indivíduo do seu estatuto original; segundo, um período de relativa neutralidade, e por último, a aquisição de um novo estatuto.

Sem deixarmos de relembra que os conceitos referidos a mito e rito adquirem seu pleno valor e significado, só e unicamente, dentro de seu próprio e específico âmbito social e cultural, que respondem a realidades mentais, a outras lógicas com um sentido profundo que resistem serem reveladas. E por isto, uma pessoa exterior à cultura que vive sob a legislação do mito, revivido alternada e continuamente na vida de um povo, ouve-o como história, como algo fantástico e incompreensível. Segundo Caillois, a leitura ou a tentativa de compreensão de um mito dá-nos sempre a sensação de falta³. Esta é a sensação naqueles que tentam compreendê-lo. Entre os que vivem-no, muitas vezes, em rodadas, sentados ou de cócoras, ouvi-los provoca o riso, a alegria e a admiração pelos heróis: o herói representa-o, faz aquilo que sente vontade de fazer, mas que os grilhões sociais não o permitem.

Convém ainda chamar a atenção para o fato de que as informações oferecidas pelos antropólogos, obtidas dos "informantes (pessoa com saber sobre a cultura, os "privilegiados" - normalmente os mais velhos da tribo) são recolhidas fora do contexto mítico e ritual e, que da mesma forma, assistir a um ritual, sendo exterior a ele, assiste-se até onde a cultura e a emoção do antropólogo lhes permitem compreender. Portanto, as análises, as interpretações e nossas conclusões são resultados do "olhar do outro":

*Ainda escuto a voz de minha avó quando nas noites contava como
salvaram a vida de minha mãe. Tento em vão acariciar-lhe o rosto com
meus pensamentos, e tão só me chegam recordações difusas. Minha mãe
morreu de varíola, muito jovem, quando eu era recém nascida.*

*Foi na época da escravidão, nas caucherias, dos Mafrás, na parte do Brasil
e dos Arara, aqui no Trapézio.
Sou anciã, mas em minha mente sonho o que contava minha avó com sua
voz lenta e serena. Recordo a minha mãe com esta canção:*

*Neste mundo me entregaram e aqui nele morrerei,
Mãe, mãe, esta canção é para alegrar o mundo.
mundo estava escuro, por isso não podiam sair do monte.
Eu canto ao Pai/Yoi
/Yoi/ está contente, porque celebraram tua festa⁴*

² Aqui seguiremos as informações de Douglas Davies, Abordagem ao Tema (Introdução) In: Jean Ries, *Ritos de Passagem*, Tradução de Lucília Rodrigues, Coordenação de Jean Holm e John Bowker, Publicações Europa América, 1994.

³ Roger Caillois, *O mito e o homem*. Tradução de José Calixto dos Santos, Lisboa: Edições 70 Ltda., 1979.

Assim começa, na compilação de Camacho, a revivência do ritual da Moça Nova. Os Tikuna encontravam-se escravizados pelos caucheiros, que invadiram a Amazônia, proibindo-lhes de pescar, de trabalhar em suas roças, de fazerem seus rituais. Neste contexto, a Tikuna anciã relembra a primeira menstruação da sua mãe, e a festa que foi feita para que Yoí (O Pai da Nação Tikuna), olhasse pelo seu povo naquele momento entregue nas mãos dos exploradores de caucho.

Os Tikuna foram separados, os jovens foram para as ribeiras dos rios, onde encontravam-se concentradas as árvores, os velhos, por não produzirem o suficiente para o patrão, ficaram nas comunidades, longe do rio, cuidando do roçado. Os Tikuna foram "empurrados" para o interior da Amazônia pelos Omágua. Com o desaparecimento destes, voltaram para seus antigos lugares, depois, com a exploração do caucho, novamente puseram-se em fuga, os jovens eram capturados para o trabalho, os velhos eram poupados e dedicavam-se ao cultivo e à pesca.

A anciã relembra um dia particularmente difícil para a sua família e para toda a comunidade: desde muito cedo, sentia-se que algo diferente iria acontecer. Os cachorros latiram durante a noite, uma noite de lua cheia, porém sem luar. O dia amanheceu chovendo muito, sem interrupção, sua avó conseguiu fugir do cativo e foi ao roçado buscar mandioca, e seu avô, ainda pescava aproveitando a noite de escuridão:

Quando se dispunha a passar pela pequena escada, um pressentimento passou pela sua mente; de imediato girou bruscamente a cabeça e olhou de maneira inquieta para a parede que dá para o poente, ali estava o colar de tiras de palma de coquito lavrado, que havia sido oferecido pela minha bisavó à mamãe, Não havia dúvida...o dia havia chegado. Este era o sinal para que a minha avó se certificasse de que minha mãe, sendo menina, havia menstruado pela primeira vez: ela já era Worecü".

Entre os Tikunas, é costume que só a mãe pode ver a filha, quando esta menstrua pela primeira vez. A Worecü foge para esconder-se e a mãe tem que encontrá-la pra encerrá-la em lugar apropriado.

Porém, como os Tikuna estavam inviabilizados de fazer suas festas, o pressentimento da avó anciã se concretizou: a filha foi "encantada" e só poderia ser "desencantada" se se fizesse o Ritual da Moça Nova. O "encantamento" foi feito pelas feras, que são representados no ritual pelos mascarados. A filha havia deixado o "sinal" - a menina retira do seu corpo um adorno que usa e deixa-o num lugar visível para que a mãe possa vê-lo. A filha havia desaparecido, tinha sido "encantada" pelas feras e, segundo os anciãos, este era um aviso de Yoí, porque os Tikuna:

haviam deixado de lado o que lhe havia sido ensinado; estavam cada vez mais parecidos com os patrões, que os escravizavam (inclusive, para os mais jovens, as histórias do povo não tinham sentido, como acreditavam os patrões), tinham deixado de fazer as festas, caçavam e desperdiçavam a caça ou não dividiam entre eles; caminhavam no monte sagrado (Eware) tirando caucho, balata e não faziam dieta; derrubavam árvores sem pedir permissão às mães do monte; invejavam os irmãos; não respeitavam as roças alheias⁵.

Por tudo isso eles tinham sido postos à prova dor Yoí.

E o guia do povo Tikuna relembra a todos que o saber deles é aquele que vem dos antigos, a força deles está na palavra transmitida pelos seus ancestrais; essa é a maior verdade Tikuna; e o que os ancestrais ensinaram e o que os Tikunas aprenderam, é poder, é o domínio para convocar as forças criadoras de seus pais... para quebrar o encantamento...para salvar a humanidade ameaçada. Para o Tikuna, a sociedade se pode renovar, readquirir

⁴ Hugo Armando Camacho (Recopilador), *Mágua, la gente pescada por Yoí*. Colômbia: Premios Nacionales de Cultura/Colcultura, 1995.

⁵ Hugo Armando Camacho Gonzalez, op. cit. (fala de um dos irmãos Tikuna).

equilíbrio desde que ela reclame o saber herdado de seus pais. A intervenção divina, a qual eles podem ter acesso revivendo o mito através do ritual, pode salvar a humanidade. O “aviso” de Yoí era uma chamada de atenção para os perigos que estavam ameaçando o seu povo.

Quando a sociedade se vê ameaçada, e para a própria sobrevivência e continuidade, o Tikuna sabe que a única coisa que se pode fazer é a festa da Moça Nova. Nesta oportunidade, é necessário recordar os ensinamentos dos antigos: a origem do mundo e a criação do povo; contar em detalhes os ensinamentos dos heróis e sábios que antigamente tiveram que enfrentar também as ameaças das feras contra a harmonia do mundo e a sobrevivência dos homens. É por isto que este ritual é a festa mais importante do povo Tikuna e, para sempre, pensamos, deverá ser vivido, pois apesar das agressões exteriores econômicas, sociais, religiosas, políticas, etc., os Tikuna ainda pretendem ser Tikunas, para nós, para eles, Maguta, *o povo pescado por Yoí*.

Tudo começou nos joelhos do pai. Estes incharam, durante vários dias; logo saíram todas as pessoas que povoaram o mundo. Os joelhos eram como um espelho. Os primeiros grupos de pessoas que saíram vinham com os diferentes instrumentos e materiais. Os da frente portavam uma carapaça de tracajá, eram dois homens e uma mulher. Logo, vinha um grupo com uma buzina de cana, porque com certeza o Pai queria que fosse assim. Se eles não houvessem saído, nós não existiríamos, nem tampouco se celebraria a festa. Nem sequer os mais antigos o saberiam. /Gutapa/ observava os grupos de pessoas que saíam do seu joelho; eram de tamanho diminuto.

Passaram novamente os que levavam o tracajá, dois homens e uma mulher. Em seguida saíram outros homens que traziam fruto de jenipapo dentro de um cesto, e portavam também uma raiz de paxiúba, para ralar o jenipapo...

Assim se inicia o mito de origem da Nação Tikuna, e dele seu povo retirou tudo o que sabe, o que faz, o que vive, inclusive a capacidade de, apesar de tudo, permanecer fiel a sua tradição. Este mito é revivido durante o acontecimento mais importante desta nação: durante o ritual da Moça Nova, ou, Festa da *Warecü*, ou ainda Festa da Puberdade, onde um acontecimento fisiológico alcança uma dimensão sobrenatural. Após a primeira menstruação, a adolescente Tikuna é reclusa, permanecendo neste estado até que seja celebrada a sua festa⁶, a qual realiza-se em etapas: a primeira etapa⁷, iniciada sempre numa sexta-feira, é um momento em que os Tikuna dançam - em deslocamentos para frente e para trás, para um lado e para o outro, em pequenos passos, que, segundo Pedro Inácio, tem uma intenção fundamental: abrir o espaço, espalhando mais o povo Tikuna no mundo. Esta dança é promovida por instrumentos especiais para a ocasião - tambores, bastões (fabricado de cascos de animais como o tracajá e de sementes, para produzir bastante som). Este som tem a finalidade de coordenar a dança e compor, com os cânticos, as pinturas do jenipapo, a esfera do sagrado.

Os que haviam chegado eram de várias famílias:

Paúcara, Garça, Jaburu

Eles não estavam ali porque sim, sim, não, porque isso

é o que queria o Pai, e assim apareciam em seus joelhos

Ele olhava com que materiais vinham essas pessoas, eram

os mesmos que na atualidade usamos e fabricamos. Nos joelhos já estavam tudo o que se utiliza na Festa da Moça Nova.⁸

Dos joelhos do Pai saiu tudo o que serve para sobrevivência do povo Tikuna. A Festa, que apesar de ter rareado, ainda se faz, obedece ao que foi feito em tempos imemoriais. Esses tempos são re-vividos, em todas as

⁶ A festa só se realiza quando há comida suficiente para distribuir entre os convidados. Quando tudo se encontra pronto (comida e bebida para todos), os familiares convidam as nações vizinhas para a grande festa. A preparação pode durar meses.

⁷ Primeira etapa da festa propriamente dita, porque ela começa muito antes, com as providências para a satisfação material da mesma: estoque de comida e bebida, convites aos participantes, preparação de adornos e instrumentos musicais, etc.

⁸ Hugo Armando Camacho González, op. cit.

suas formas e em todos os detalhes da festa: nos instrumentos musicais, nos cânticos e nas narrativas, emitidas pelas bocas dos sábios anciãos, na construção material do *turi*, dos instrumentos, das pinturas e adornos, da produção do moqueado e da preparação das bebidas.

O desenvolvimento da Festa pode durar de três dias ou mais, até o momento final, espaço em que todas as etapas são revividas: a preparação da comida e da bebida, a construção do *curral*, a pintura dos convidados, a pintura da *Worecū*, o embelezamento com os adornos, o momento da pelação, o banho, tudo seguindo-se naturalmente, conforme as indicações do mito.

Tudo neste momento deve ser cuidadosamente observado, a fim de que o Pai fique contente e continue a proteger o seu povo. Hoje, apesar das influências religiosas externas, os Tikuna conseguem ainda ser fiéis a sua religião - a celebração desse Ritual é a maior prova desta afirmação, como tivemos a oportunidade de observar. E o afastamento dele, é um desafio a todas as forças cósmicas:

*Choro ao imaginar aqueles terríveis momentos: a maloca havia se transformado num lugar de gritaria e confusão, A chuva seguia inclemente filtrando o grosso teto, tecido de palmeira. Cada relâmpago no horizonte era acompanhado de um alarmante grito de desespero de crianças e mulheres*⁹.

Após a conclusão de que *Yoí* estava enfurecido porque os Tikuna afastavam-se das suas origens, é decidido fazer a festa da Moça Nova:

Em seguida, uns dedicavam-se a fabricar a buzina¹⁰ com a casca da árvore 'paxiubinha'. Outros preparavam os tambores. Quando aprontou a buzina, meu avô saiu com frutos de jenipapo, para convidar os anciãos e familiares, que habitavam noutra maloca, distante uma hora de caminhada¹¹.

A festa visa reunir as Nações Tikuna (com penas e sem penas), para que juntas quebrem o tempo profano, alcancem o tempo inaugural e fortaleçam, as suas origens.

Entretanto, conforme prescreve o mito "o corpo deve estar pronto" - a expressão é utilizada por Pedro Inácio¹² - "o corpo deve estar pronto", traduz uma visão particular do povo Tikuna e envolve os aspectos físico, fisiológico, psicológico, social e sobrenatural. Sob o aspecto físico, o corpo adquiriu maturidade, vista através do plano externo - a *Worecū* não é mais uma menina, ela ocupa uma zona de transição entre a criança, que foi anteriormente, e a mulher, que se prepara para ser; sob o aspecto fisiológico, ela está preparada para gerar, para dar continuidade ao seu povo e espalhá-lo pelo mundo, como o pretendem os Tikuna; sob o aspecto psicológico, o sexo feminino é preparado desde o nascimento para assumir um papel central na cultura do seu povo: o ritual destaca em primeiro plano a mulher, através do seu corpo, posicionando-a como capacitadora da vida do seu povo em sentido amplo, e da sobrevivência, em sentido restrito. Na nossa compreensão, o Ritual da *Worecū* do povo Tikuna é um dos mais fortes destaques dados à mulher, em qualquer sociedade e em quaisquer povos¹³; sob o aspecto social, este ritual determina a estruturação social deste povo, porque as principais leis, a exogamia, por exemplo - são prescritas neste ritual, assim como, o que precede a primeira, a divisão em clãs; sob o aspecto sobrenatural, o ritual, porque implica, em substância, a fertilidade, a capacidade de garantir a continuidade e,

⁹ Fala de um dos mais velhos anciãos Tikuna da nação urubu-rei, durante um Conselho, reunido para decidir o que fazer para acalmar a ira do Pai, *Yoí*. Hugo Camacho, *idem*.

¹⁰ Curt Nimuendaju diz que os Tikuna "possuem um instrumento bastante estranho, que parece uma enorme buzina de até 6,75 m de comprimento, ligeiramente cônica na parte superior, feita de *paxiubinha*. A grossura é de 12 m na boca e de cm no bocal. O seu nome *TA/KI* e o seu aspecto são tabu para as mulheres e não iniciados. O *TA/KI* "não é porém um instrumento de sopro e sim um porta-voz para dentro do qual se canta e se fala". Nimuendaju, *op. cit.*

¹¹ Hugo Camacho *op. cit.*

¹² Pedro Inácio, então líder político da Comunidade de Vendaval.

¹³ Infelizmente, porque não foi nosso objetivo, desconhecemos a mulher ocupando tão importante lugar em outros povos.

assim, garantir a eternidade ao povo Tikuna, reenvia o povo - todos, sem exceção se fazem presentes, inclusive envergando as cores e símbolos do seu clã - para o seu momento auroral cosmogônico. Nestes termos, sem nenhuma dúvida, a sobrevivência Tikuna está, definitivamente, presa à realização do ritual, centralizado, por sua vez, na construção material da festa e do corpo da *Worecü*, e na realização simbólica dos mesmos.

BIBLIOGRAFIA

CAMACHO, Hugo Armando (1995): *Mágua, La gente pescada por Yoí*. Tradução livre Neiza Teixeira, Colômbia: Premios Nacionales de Cultura / Colcultura, TM Editores.

CAILLOIS, R. (1990): *O Mito e o Homem*. Tradução de José Calixto dos Santos. Lisboa: Edições 70.

NIMUENDAJÚ, Curt (1982) *Textos Indigenistas*. São Paulo, Ed. Loyola.

NIMUENDAJÚ, Curt. *OS TIKUNAS*. Monografia, tradução livre. Benjamin Constant: s/d.

RIES, Jean (1994). *Ritos de Passagem*. Tradução Lucília Rodrigues, Publicações Europa América.